

Bezerra parte para o contra-ataque

CARMEM KOZAK E
GUSTAVO KRIEGER*

BRASÍLIA — Cheio de ressentimentos e mágoas, o ex-ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra, promete entrar para a turma do trombone do Congresso Nacional. Reassume a vaga no Senado hoje, assinando o requerimento da CPI da Corrupção e declarando guerra aberta contra os dirigentes de seu ex-partido, o PMDB. Tem como alvos preferenciais os líderes na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), e no Senado, Renan Calheiros (AL). Contra eles, jura a interlocutores ter informações sobre liberação de verbas e execução de obras. Informações estas que fariam parte de um detalhado arquivo preparado pelo ministro nos 20 meses que esteve na pasta.

Foi justamente o apreço de Bezerra por dossiês que azedou de vez sua relação com Calheiros. No final do ano passado, irritado com o que definia como isolamento imposto pelo líder do partido no Senado, Bezerra determinou a fiscalização em obras de municípios administrados por aliados de Calheiros.

Uma delas serviu para apurar a aplicação de R\$ 100 mil para a canalização do Riacho de Vaca Morta, em Murici (AL). O prefeito é Remi Calheiros, irmão do peemedebista. O ministério rejeitou a prestação de contas apresentada por ele. Calheiros e Bezerra nunca mais fizeram as pazes.

As ameaças contra Calheiros e Geddel foram explicitamente feitas por Bezerra a alguns peemedebistas e a articuladores políticos do governo nas conversas em que foi negociada a sua saída do governo. "Ele falou que vinha chumbo grosso", conta um inter-

locutor do Palácio do Planalto.

O PMDB, especialmente Geddel, desdenha das ameaças do ex-ministro. "O que ele vai dizer? Que eu briguei por emendas para a minha base eleitoral? Meus eleitores vão adorar", disse.

No período em que esteve à frente do Ministério, Bezerra comentou com aliados as liberações de emendas para a região eleitoral de Geddel, na Bahia. Conforme relato de um político potiguar, o ministro mantinha um controle dos pedidos atendidos e não atendidos, justamente para defender-se de eventuais cobranças do Planalto e do comando do PMDB de não estar empenhado na preservação da base.

Sem se lembrar que o ex-ministro precisava passar por um período de quarentena antes de reassumir a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o atual dirigente da entidade, deputado federal Moreira Ferreira (PFL-SP), passou grande parte do dia de ontem convidando os presidentes de federações para a posse. A maioria confirmou presença e já havia marcado vôo para Brasília.

O fim da cerimônia, marcada inicialmente para às 12 horas, pode evitar um constrangimento para alguns presidentes das federações e empresários, que não querem ser dirigidos por um político cuja vida está sendo investigada.

A maior resistência ao nome de Bezerra, é de industriais sem vinculação partidária. Eles reclamam que o cargo de presidente da CNI está demasiadamente ligado a interesses políticos. A defesa da indústria tem ficado para segundo plano.

*Colaborou Fabiano Lana

Alan Marques/Folha Imagem



O ex-ministro Fernando Bezerra promete artilharia pesada contra ex-companheiros de PMDB